Sereias e javalis alados: corpos estranhos no "período intertestamentário"

Mermaids and Winged Boars: Strange Bodies in the "Intertestamental" Period

Silas Klein Cardoso[1]

Submetido em 16/05/2026
Aceito em 10/06/2026

RESUMO

O artigo discute ideias do corpo do chamado "período intertestamentário" no Levante Meridional, *i.e.*, dos períodos Persa e Helenístico (520-30 aEC) na região dos estados modernos de Israel, Jordânia e Palestina. Ele procura desestabilizar as condicionantes teológicas tradicionais que orientam reconstruções históricas do período. Para tanto, ele marginaliza evidências supostamente centrais e que remetem a temas consagrados — como "monoteísmo(s)", "javismo(s)" e "judaísmo(s)" — e observa evidências geralmente marginalizadas, como a iconografia de "corpos estranhos". Ele discute, por um lado, o que as mudanças de padrões de representação no período revelam sobre o corpo e, por outro, o que duas constelações iconográficas de seres híbridos revelam sobre concepções de corpo. Conclui-se que, além da mudança de um paradigma aspectivo e estereométrico para um paradigma perspectivista e dinâmico, encontradas de forma generalizada no registro, também houve uma reelaboração de valores através de intercâmbios culturais nos limites de Yehud dentre a satrapia transeufratênia. Destacam-se a emergência da ideia do corpo feminino como um corpo perigoso e de corpos estrangeiros como corpos suspeitos e demônicos, ideias que passam a integrar o vocabulário cultural da região.

Palavras-chave: cultura material, iconografia, período intertestamentário, sereias, javalis alados.

ABSTRACT

This article discusses ideas about the body in the so-called "intertestamental period" in the Southern Levant, *i.e.*, the Persian and Hellenistic periods (520-30 BCE) in the region of the modern states of Israel, Jordan, and Palestine. It seeks to destabilize traditional theological con-straints that guide historical reconstructions of the period. To this end, it marginalizes supposed-ly central evidence that refers to established themes—such as "monotheism(s)," "Yahwism(s)," and "Judaism(s)"—and observes generally marginalized evidence, such as the iconography of "strange bodies." It discusses, on the one hand, what the changes in representational patterns during the

[1] Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Professor de Antigo Testamento e Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória, Vitória, Brasil, e pesquisador associado na Universidades de Berna, Berna, Suíça e na Universidade de Zurique, Zurique, Suíça. E-mail: silasklein@gmail.com.

period reveal about the body and, on the other hand, what two iconographic constellations of hybrid beings reveal about body conceptions. It is concluded that, in addition to the shift from an aspectual and stereometric to a perspectivist and dynamic paradigm, found in a generalized way in the iconographical record, there was also a reworking of values through cultural exchanges within the Yehud borders of the Transeuphratene satrapy. It notes the emer-gence of the idea of the female body as a dangerous body and of foreign bodies as suspicious and demonic bodies, ideas that became part of the region's cultural vocabulary.

Keywords: material culture, iconography, intertestamental period, mermaids, winged boars.

1 Introdução: o "período intertestamentário" enquanto problema de pesquisa [2]

Embora o termo "intertestamentário" pareça indicar um período de menor importância entre outros supostamente cruciais, ele é considerado central à história bíblica ao menos desde Wellhausen. Ainda que certas teorias sobre a datação de textos bíblicos sejam de difícil comprovação empírica e os métodos de datação não sejam consensuais, muitos textos veterotestamentários são assinalados aos períodos Persa (520-330 aEC) e Helenístico (330-30 aEC) (veja Bautch; Lackowski, 2019; Schmid, 2013, p. 179-270), sendo também considerados influentes aos escritos neotestamentários (Henze, 2017; Vanderkam, 2025). Essa foi uma época de encontros culturais importantes e ebulição teológica que moldaram muitos aspectos da imaginação bíblica. Diversas características conhecidas da "religião bíblica" tomaram forma nesse intervalo, como a ideia de monoteísmo e de um judaísmo centrado em um texto, e práticas como circuncisão, prescrições alimentares e guarda do sábado (Hensel, 2020, p. 3). Também teria sido durante a hegemonia persa na região que o Pentateuco ganhou seus contornos finais (Grabbe, 2004, p. 343). Isso não quer dizer, obviamente, que esses desenvolvimentos sejam fáceis de reconstruir. Podemos citar o exemplo da instauração do monoteísmo. Segundo Knauf e Guillaume (2016, p. 155), o único consenso alcançado em quarenta anos de discussões sobre o tema é que a religião do Primeiro Templo era politeísta e a do Segundo monoteísta. Os contornos e pressuposições desse monoteísmo (Dietrich, 2023; Schaper, 2019; Uehlinger, 2019) tal qual a definição do termo são contestadas (Frevel, 2013; Römer, 2013; Smith, 2008).

Contudo, é interessante observar que, no que tange aos estudos da cultura material, até a década de 1970 acreditava-se que o "universo bíblico[3] intertestamentário" era um período infértil e de atenção desnecessária. Aliado à chamada "tirania de um construto" — ou seja, da forma como os textos bíblicos judaítas restringiram informações para seus fins (Leith, 2014, p. 158) —, pesquisas parecem ter sido desestimuladas pelas pressuposições de que, por um lado, não havia evidências a serem encontradas nesse

[2] Este artigo é um resultado parcial do projeto de pesquisa "Manifestações limítrofes do divino no universo bíblico" (SKCRTT202501), conduzido no contexto do grupo de pesquisa "Observatório de Universos Bíblicos", na Faculdade Unida de Vitória. O conteúdo foi apresentado de forma preliminar na forma de mesa temática em 27 de agosto de 2026 no XI Congresso Internacional de Investigação Bíblica, realizado pela Associação Brasileira de Investigação Bíblica no Rio de Janeiro.

[3] O termo "universo bíblico" faz referência ao período e local ao qual as tradições bíblicas são associadas. Isso não quer dizer que o termo não possua suas dificuldades e limites. Veja Klein Cardoso (2025b, p. 256-260).

contexto e, por outro, algumas tradições associadas a essa época fossem "aberrantes". Com relação ao anterior, sobre a inexistência de evidências materiais, podemos lembrar de teses que advogavam um período de "terra vazia" e cultura material "empobrecida". O chamado "mito da terra vazia" é, como apontou Knauf (1994, p. 167), uma construção narrativa que, partindo da ideia de que todos os habitantes de Judá foram para o exílio, pressupõe que, em certo momento, todos voltaram para reocupá-la (veja Barstad, 1996, 2003; de Hulster, 2017, p. 119-121; Fried, 2003). Novas reconstruções são mais comedidas, contrapondo a baixa densidade demográfica de Yehud com documentos que assinalam seu status jurídico e interpretando-as dentre uma perspectiva regional (Frevel, 2023, p. 443-450). Em segundo lugar, é possível lembrar de teses predicadas na suposta ausência de evidências, como a infame tese de Ephraim Stern, de que houve uma revolução religiosa em Yehud no período Persa: "as últimas evidências arqueológicas claramente indicam que todos os elementos populares pagãos passaram por uma purificação no período Persa (e também no culto samaritano que substituiu o israelita)" (Stern, 2006, p. 204, tradução própria)[4]. Contudo, a tese foi desmantelada na última década (Edelman; Fitzpatrick-McKinley; Guillaume, 2016; Frevel; Pyschny; Cornelius, 2014; Schmitt, 2021). Sobre a interpretação depreciativa de certas religiosidades — a exemplo das judaico-egípcias e samari(t)anas —, hoje elas já não são mais consideram "aberrantes", mas desenvolvimentos javistas legítimos, embora relativamente autônomos (Barnea; Kratz; Shaked, 2024; Granerød, 2016; Hensel; Nocquet; Adamczewski, 2020).

1.1 Tendências e problemáticas teórico-metodológicas

O breve panorama acima serve para demonstrar duas tendências interrelacionadas nos estudos acerca do chamado período "intertestamentário". Em primeiro lugar, é notável que as discussões favoreçam temas amplos que discriminam entre teses concorrentes sobre a religiosidade do contexto. Charles Perreault (2019, p. 5-7) chamou tal princípio metodológico de "abordagem da 'prova irrefutável'" (ing. '*Smoking-Gun' Approach*). Segundo ele, historiadores(as) geralmente formulam hipóteses concorrentes e mutualmente excludentes e procuram por uma prova irrefutável que corrobore uma entre elas. A abordagem seguiria três passos: (a) hipóteses concorrentes são criadas para explicar alguma questão histórica; (b) busca-se uma prova irrefutável que discriminará entre as hipóteses concorrentes; (c) revisam-se as hipóteses concorrentes, que podem ser descartadas ou amplificadas à luz de novas evidências e avanços teóricos. Após o terceiro passo, tudo começa novamente. Além do raciocínio circular, há dois problemas na abordagem: (a) ela jamais considerará hipóteses além daquelas previamente testadas; e (b) ela apenas interpretará as evidências tendo em vista essas hipóteses e suas decorrentes contingências histórico-culturais. O problema é que, ao explorar a religiosidade intertestamentária sob tais condicionantes – seja pelo texto bíblico, pela crítica bíblica ou arqueológica –, se torna impossível reconhecer possibilidades além daquelas já postuladas.

Em segundo lugar, há um notável desnível entre estudos que lidam prioritariamente com as evidências bíblicas e aqueles que tentam abordar a questão sob uma perspectiva

[4] Infelizmente, o argumento de Stern tem sido caricaturizado. Ele não argumenta, como é costumeiro ler, que não havia evidências no período, mas que as evidências não eram judeanas. Frevel e Pyschny demonstram que Stern lista evidências acuradamente, mas pauta sua interpretação na oposição entre "paganismo javista" (ing.: "*Yahwistic paganism*" ou "*pagan Yahwism*") e "monoteísmo" (Frevel; Pyschny, 2014a, p. 6). A ausência advogada por Stern são as estatuetas, um argumento que se tornou influente no campo (veja de Hulster, 2017, p. 8–12). Contudo, este argumento já não mais não se sustenta desde que foi refutado por de Hulster (2017).

material e/ou iconográfica. Enquanto estudos exegéticos propõem teses abrangentes, estudos advindos da cultura material são mais restritos em escopo e alcance. Essa prática talvez se explique pelos paroquialismos disciplinares correntes. A época persa e helenística, justamente por ser "intertestamentária", se mantém além do escopo prioritário da crítica bíblica, focada nos períodos de imediata atenção de Antigo e Novo Testamentos, *i.e.*, período do Ferro I-III (1130-520 aEC) e Romano (30 aEC-390 EC). Uma consequência dessa priorização é o interesse instrumental no período "intertestamentário", gerando principalmente estudos que visam responder "grandes questões" e que ignoram outros aspectos de menor interesse imediato à crítica bíblica.

As consequências da "abordagem da prova irrefutável" e do foco em "grandes questões", além da restrição a um número restrito de possibilidades interpretativas, é a utilização inadequada do registro material. Enquanto a tentativa de responder a grandes questões torna a utilização do registro redundante, fazendo com que todas as explicações sempre retornem ao mesmo acervo de evidências, a busca incessante por provas cabais que validem ou invalidem hipóteses previamente estabelecidas faz com que dados que não respondam imediatamente às questões tidas como preementes sejam negligenciadas.

1.2 Contribuições do presente estudo

Proponho nesse estudo um caminho distinto, que consiste na marginalização de evidências supostamente centrais e que remetam a temas consagrados — como "monoteísmo(s)", "javismo(s)" e "judaísmo(s)" — para evidências marginalizadas do registro histórico. Esse movimento implica em dois redirecionamentos analíticos. O primeiro consiste no abandono do foco imediato em Yehud para observar evidências de regiões periféricas, mas ainda pertencentes à satrapia transeufratênia. O segundo redirecionamento é o foco em "corpos estranhos" que, por não comporem o quadro teológico tradicional, não apenas desestabiliza as condicionantes tradicionais, quanto revela um imaginário religioso mais plural, permeável e complexo.

Como objeto, analisarei seres ontologicamente liminares e as concepções de corpo que evocam. Em outras palavras, investigarei o que seres que não são divinos nem humanos, animais nem humanos, naturais nem sobrenaturais (Sneed, 2021, p. 87) podem revelar sobre ideias de corpo no período. Esses seres híbridos ou intersticiais com qualidades sobre-humanas, também chamados na literatura especializada de *Zwischenwesen* , geralmente possuem corpos anômalos — muitas vezes compostos da mescla de seres humanos e animais—, são exilados geograficamente e alienados socialmente (Sonik, 2013). Enquanto seres intersticiais são conhecidos na região do Levante Meridional desde a metade do terceiro milênio aEC, seu número e variações cresce exponencialmente entre os séculos IV-V aEC (Keel, 2022, p. 426). Caso concordemos com Jeffrey Cohen (1996, p. 4), para quem o corpo monstruoso é "pura cultura" e a encarnação de momentos culturais, a alteração é significativa, pois revela nova subjetividade.

Metodologicamente, isso será realizado a partir da análise de evidências iconográficas e da subsequente comparação interartística com a literatura bíblica. Essa opção metodológica é importante por dois motivos. Primeiro, pelos supracitados problemas de datação de textos bíblicos, que impedem uma abordagem precisa. Segundo, pelo fato de que, apesar da literatura bíblica veterotestamentária estar repleta de referências a seres intersticiais (Klein Cardoso, 2025a, p. 12) — fenômeno também presente no Cristianismo Primitivo (Nogueira, 2024) —, a arte antigo-oriental e sul levantina antiga possuir um repertório muito mais amplo (Otto, 2022; Yalçin, 2022, p. 146), haja vista se beneficiar de "combinações aleatórias" (Matthews, 1990, p. 28, 1992; veja também Meshorer; Qedar, 1999, p. 32-68; Sass, 1993, p. 226-238).

No que segue, apresentarei um panorama do que a iconografia do Levante Meridional revela sobre transformações nas concepções de corpo entre os períodos do Ferro I-III (1130-520 aEC) e Persa-Helenístico (520-30 aEC) para, na sessão posterior, discutir dois casos específicos nos quais encontros culturais revelam novas percepções de corpo adentrando à região.

2 A iconografia e mudanças na concepção de corpo no período intertestamentário

2.1 A iconografia do Levante Meridional entre os períodos Persa e Helenístico

Antes de adentrar às questões do corpo, é importante contextualizar o estudo da iconografia[5] (ou "imagética") do Levante Meridional no período intertestamentário. Felizmente, graças ao estudo recente de Silvia Schroer e Patrick Wyssmann (2019)[6], é possível apenas recapitular alguns desenvolvimentos centrais e que não estão bem documentados em língua brasileira.

Embora a integração da cultura material aos estudos sobre a história do Levante Meridional nesses períodos esteja crescendo, a utilização de materiais artísticos ou iconográficos permanece restrita. Não se dispõe, até o momento, de uma obra sistemática sobre o tema[7], como ocorre entre períodos Mesolítico e do Ferro (Keel; Uehlinger, 1998; Schroer, 2008, 2011, 2018; Schroer; Keel, 2005; veja Tilly; Zwickel, 2020). A maior parte das obras sobre essa época são antologias resultantes de conferências especializadas. Isso indica um interesse esporádico e marginal na iconografia desse contexto, como ocorre na iconografia bíblica em geral (Klein Cardoso, 2025b, p. 35-36). Como argumentado por Schroer e Wyssmann (2019, p. 187), ainda prevalece o interesse político e histórico-social nas antologias que cobrem o período. Isto posto, há duas antologias que avançaram significativamente a questão. A primeira é *A "Religious Revolution" in Yehûd?*[8], organizada por Christian Frevel, Katharina Pyschny e Izak

5 É importante notar que é problemática a utilização no campo do termo "iconografia" enquanto objeto e metodologia de pesquisa. Como argumentou Zainab Bahrani, o próprio termo sugere que, enquanto método, a iconografia "baseia-se na crença tácita (e [...] totalmente insustentável) de que a arte é, por definição, uma atividade mimética, cujo objetivo é imitar a realidade da forma mais fiel possível" (Bahrani, 2014, p. 35, tradução própria). É desnecessário dizer que tal crença é descabida, haja vista negligenciar a autonomia de obras estéticas e a forma como objetos estéticos desencadeiam atitudes culturais (Moxey, 1986, p. 271).

6 Nos limitamos às fontes e interpretações, sem entrar em questões teórico-metodológicas. Para o estado da questão das abordagens da "iconografia bíblica" e de "abordagens interartísticas à Bíblia", veja Klein Cardoso (2025b).

7 Essa era a tarefa visada pelo projeto "*Die Bildwelt Palästinas/Israels zwischen Ost und West: Ikonographische Grundlagen einer Religionsgeschichte von der persischen bis zur hellenistischen Zeit*" (*BIPOW*), liderado pela professora (agora) emérita do Instituto de Estudos do Antigo Testamento da Universidade de Berna. Financiado pela Fundação Nacional de Ciência Suíça (SNSF) e sediado na Universidade de Berna entre 2014 e 2018, o projeto tinha como objetivo principal a publicação crítica e anotada de mais de 500 objetos selecionados do período Persa e Helenístico (539–63 aEC), cobrindo a região costeira desde a fronteira com o Egito até a Fenícia (Paralia e Fenícia), o interior (Arábia, Iduméia, Judéia, Samaria e Galiléia), bem como a Transjordânia (Moabe, Amã e Gileade) (SNSF, 2014). Contudo, a publicação ainda não foi completada, mesmo após oito anos do término do projeto. Ainda assim, outras obras resultantes do projeto foram publicadas (Schroer, 2016a, 2016b, 2016c; Schroer; Münger, 2017; Schroer; Wyssmann, 2018, 2024; Wyssmann, 2019).

8 A obra é o resultado do workshop "*Jewish 'Material' Otherness? Ethnic, Religious and Cultural Boundaries in Late Persian and Early Hellenistic Times in the Southern Levant*" (pt: A "alteridade material" judaica? Fronteiras

Cornelius (2014), cuja principal contribuição foi, via estudos sobre diferentes classes de artefatos visuais – como jarros estampados, incensários, moedas e *bullae* (pedaços de argila estampados por selos) –, refutar a supracitada "hipótese de Stern" (Stern, 2006). Mais recentemente, em 2017, a conferência internacional "*Images in Transition: The Southern Levant and its Imagery between Near Eastern and Greek Tradition*"[9] resultou em uma antologia sob o mesmo nome, organizada por Silvia Schroer e Patrick Wyssmann (2024). Com capítulos endereçando diferentes classes de artefatos, como estatuetas, selos de estampar, vasos figurativos e outros, a obra contribuiu para complexificar a compreensão da arte do período que, ao contrário do que se pensava anteriormente, não apenas viu a sobreposição de marcas culturais imperiais sobre locais e gregas, demonstrando continuidades e inovações peculiares.

Como mencionado acima, um limite que ainda persiste é a ausência de obras que analisam a arte do Levante Meridional de forma sistemática no período e tendo de fundo o horizonte histórico-cultural ao qual pertencem. Como apontado por Schroer e Wyssmann (2019, p. 191), as três obras que poderiam ocupar esse posto não o fazem de forma satisfatória aos propósitos dos estudos histórico-religiosos e histórico-artísticos do antigo Levante Meridional: Stern (2001) remete a pesquisas conduzidas nos anos 1970 (mas veja Stern, 1994), encontrando-se defasado, a seleção de objetos do contexto Persa de *Gods, Goddesses and Images of God* (Keel; Uehlinger, 1998) é demasiadamente restrita e a contribuição de Astrid Nunn (2000) foca na Fenícia, Síria e Transjordânia entre os séculos VI-IV aEC, deixando de lado Israel/Palestina. Também é possível mencionar a obra de Adi Erlich (2009) sobre a arte da Palestina Helenística. Embora esses limites persistam, os últimos anos viram a publicação de novos estudos focados em regiões ou classes de artefatos. Podemos citar, por exemplo, o estudo sobre Wadi Daliyeh de Mary J. Leith (1997, 2000, 2014), a dissertação de Martin Klingbeil acerca dos selos do período Persa (1992a, 1992b) — que deve ser lido junto a Uehlinger (1999), Stern (1994), Schroer e Lippke (2014) e Greet (2024)—, o estudo sobre estatuetas judeanas de de Hulster (2017) e helenísticas de Robert Wenning (1983), além de obras sobre numismática (Küchler, 2022; Leith, 2014; Meshorer, 2001; Wyssmann, 2014, 2019; veja Oeming, 2026; Tal, 2012).

3 Mudanças iconográficas e suas implicações sobre ideias de corpo

3.1 Corpos aspectivos e estereométricos (1130-520 aEC)

Entre suas muitas contribuições, as investigações acima ajudam a demonstrar algumas mudanças em convenções iconográficas entre o período do Ferro I-III (1130-520 aEC) e os períodos Persa e Helenístico (520-30 aEC). Essas podem ser sumarizadas pelo paradigma representacional, que muda de aspectivo a perspectivo. A arte do Levante Meridional até o período do Ferro era principalmente influenciada pela arte egípcia e mesopotâmica. Da arte egípcia, a principal herança foi a representação "aspectiva". Segundo a egiptóloga Emma Brunner-Traut (2002, p. 424), responsável por introduzir o termo em seu posfácio à obra de Heinrich Schäfer (2002, tradução própria),

étnicas, religiosas e culturais no final do período Persa e no início do período Helenístico no Levante Meridional), que teve lugar na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, em 2010.

9 Tradução livre do título da obra: "Imagens em transição: O Levante Meridional e sua imagética entre as tradições do Oriente Próximo e Grécia".

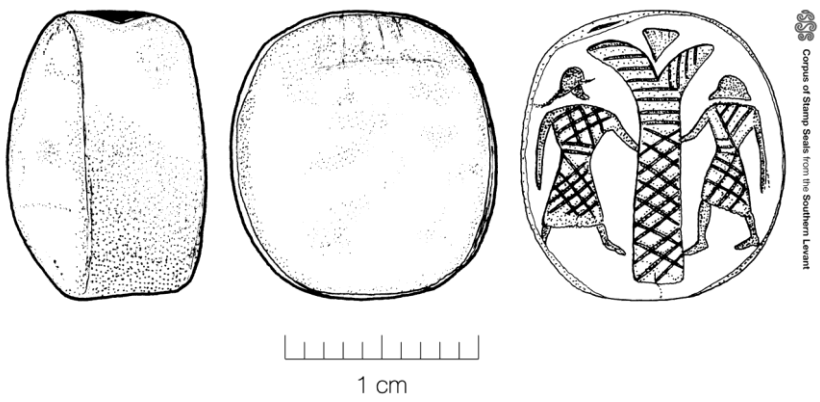
> [...] um egípcio representa o que está retratando, detalhe por detalhe, tal como é na realidade e idealmente, sempre, em todos os lugares e para todos'. Assim, na representação de um objeto com diversas faces, como uma caixa, é representada, no mínimo 'a face do objeto que é vista principalmente e, além disso, costuma mostrar tantas faces adjacentes quantas forem necessárias para definir o que é o objeto.

Portanto, toda parte do objeto ou corpo representado é retratada em forma ideal, mesmo que não componha um todo naturalmente proporcional.

Essa formatação aspectiva era complementada por outros princípios comuns à arte mesopotâmica em geral, sobretudo pela simetria nas composições, que ajudam a montar um todo coerente e ordenado, e pela ausência de profundidade espacial (Hartenstein, 2005, p. 180). Com relação ao último, isso implica que o tamanho relativo entre as figuras retratadas é, geralmente, indicação da hierarquia entre personagens e não uma suposta distância. O fato de a grande maioria de artefatos artísticos do Levante Meridional antigo ser em escala menor (Keel, 1985, p. 10-11; Erlich, 2009, p. 5; de Hulster; Strawn; Bonfiglio, 2015, p. 32-34; Hallote, 2020, p. 47-48), resultou em convenções adicionais de estilo. Keel demonstrou que, em comparação à arte monumental, a arte sul-levantina de pequena escala: simplificava motivos iconográficos complexos; isolava elementos, os imbuindo de novo significado; e eram propensas à acumulação de elementos em espaços pequenos (*horror vacui*) (Keel, 1989).

Podemos mencionar como exemplo da convenção iconográfica aspectiva, do período do Ferro, um selo encontrado em Tell en-Naṣbeh, a bíblica Mispa (McCown, 1947, f. 55.63; veja Klein Cardoso, 2019, p. 258) (*Fig. 1*). Ele apresenta dois homens barbados com roupas estilo assírio ladeando uma palmeira estilizada. O selo, utilizado como evidência da veneração a árvores sagradas nos sécs. X-IX aEC (Keel; Uehlinger, 1998, p. 152), possui texturas e detalhes hachurados que demonstram a capacidade artística da pessoa que o esculpiu. Contudo, a figuração é esquemática. Os elementos da imagem são retratados em forma ideal. Note como as cabeças estão perfeitamente alinhadas em perfil, com a barba pontuda e protuberante, e possibilitando a observação do nariz dos cultuantes. Os braços, mesmo que apenas esboçados pelo tamanho diminuto da peça, estão dispostos a ponto de mostrar claramente a ação de veneração. A árvore, por sua vez, possui três trechos claramente distinguíveis: o tronco com padrão losangular, a inflorescência com padrão linear e a coroa que complementa o padrão horizontal. Além da evidente simetria, a proporção entre os personagens e a árvore não é real, mas idealizada.

Figura 1 – Escarabóide. Tell en-Naṣbeh n. 62 © SSSL (ilustração: Ulrike Zurkinden)



Fonte: SSSL (2026).

Mais do que preferências estilísticas, a figuração indica uma percepção específica da realidade e do corpo. O corpo não era visto a partir de uma perspectiva dualista e integralista. Segundo Schroer e Staubli (2003, p. 36), o pensamento semítico é estereométrico — *i.e.*, com volume tridimensional—, pois "reúne vários aspectos da realidade para combiná-los de maneira sintética, em vez de ordená-los artificialmente". Isso é visto no paralelismo da poesia, cujas orações sinonímicas e antitéticas paralelizadas se complementam semanticamente, bem como na perspectiva aspectiva que, ao valorizar o individual, resulta em um todo. Por exemplo, por mais que a cabeça seja uma totalidade de suas partes constitutivas (p.ex., nariz, boca, cabelos), cada parte possui significados além do significado de cabeça, resultando em uma composição que significa muito mais do que a soma das partes. Ao mesmo tempo, cada parte pode ser utilizada para se referir ao todo de forma sintética, como a mão pode ser mão, remeter a gestos verbalizados ("dar a mão") ou assumir significados simbólicos (mão=poder) (Wagner, 2024, p. 130). Nesse sentido, a complexidade do mundo não é reduzida, mas preservada "numa pluriformidade integral no relacionamento mútuo entre as afirmações" (Frevel, 2011, p. 16). Isso implica uma antropologia verdadeiramente "constelativa", *i.e.*, uma antropologia formada por ícones que compões constelações discursivas que ajudam a manter uma constância conceitual-mítica nas sociedades do período (Klein Cardoso, 2025b, p. 163; veja Assmann, 2012).

3.2 Corpos individualizados e autônomos (520-30 aEC)

Essas convenções são alteradas de forma significativa no período Persa. Além de mudanças em assuntos de interesse, padrões de uso e de novas formas midiáticas[10], a principal transformação é na forma figurativa, que é alterada de aspectiva para perspectiva. Segundo Brunner-Traut (2002, p. 424), a figuração perspectiva "grega ou ocidental retrata o mesmo original tal como ele se apresenta ao observador, um indivíduo qualquer, em um momento aleatório, num ponto específico por ele escolhido e sob a iluminação que por acaso estiver presente". Assim, a depender da posição escolhida para observação, "os lados aparecem encurtados, os ângulos ficam distorcidos e a linha torna-se mais fina à medida que a distância aumenta" (Brunner-Traut, 2002, p. 424, tradução própria). Essa nova convenção iconográfica permite que as imagens passem a se organizar utilizando volumes e utiliza de distorções de forma e tamanho a partir do ponto de observação escolhido.

Como exemplo da convenção iconográfica perspectiva, característica da segunda metade do primeiro milênio em diante, apresento uma impressão de selo em argila (*bullae*) encontrada em Wadi Daliyeh (Leith, 1997, p. 209-212, Pl. 17, WD 17 [43.937]; Keel, 2010, p. 368-369, Wadi ed-Dalije n. 51) (Fig. 2). A figura representa o motivo do "encontro heróico"[11], que pode ser visto como continuidade do tradicional motivo do

[10] Sobre mudanças de temas, é possível citar artefatos visuais retratando "cavaleiros persas" nas diferentes mídias do período (Uehlinger, 1999, p. 170). Sobre mudança nos padrões de uso e distribuição, podemos citar o caso de estatuetas e incensários (Frevel; Pyschny, 2014b) que, embora mantenham certa continuidade, também sofrem mudanças nos tipos produzidos (Berlejung, 2022b, p. 519). Sobre novas mídias, o final do séc. V aEC vê a cunhagem local de moedas na Filistia e, pouco mais tarde, em Samaria (Wyssmann; Schroer, 2019, p. 191). Moedas operavam como novos meios de comunicação massiva (Wyssmann, 2019, p. 3) e dialogavam com a imagética de selos, haja vista serem produzidos em oficinas similares (Eggler; Uehlinger, 2022, p. 858).

[11] Segundo Uehlinger, a cena do encontro heroico é bastante comum no período Persa, que vê quatro tradições: a siro-mesopotâmia, na qual o herói está com cabeça descoberta e com kilt curto; a siro-fenícia, no qual o herói é Bes; a tradição persa, na qual o herói utiliza a túnica (*kandys*) e, geralmente, uma coroa dentada (*kidaris*), que denuncia sua designação de herói persa; e a tradição greco-cipriota, que identifica o "mestre dos leões" com Hércules (Uehlinger, 1999, p. 143–153).

"senhor dos animais". Segundo Uehlinger (1999, p. 150-151), o objeto apresenta um herói persa ou rei olhando para a esquerda, com uma túnica (*kandys*) e uma coroa dentada (*kidaris*). Ambos os braços estão erguidos e suspendem um par de leões pelas patas traseiras, a cabeça do animal da direita está virada para trás em um movimento dramático; isso possivelmente ocorria com o da esquerda, que está danificado. Com relação ao estilo, é possível ver como a cena traz uma dinamicidade ausente em selos de épocas anteriores. A composição é mais focada no movimento e pose e distorcida pelo ângulo de visão, fazendo com que os músculos de seres humanos e de animais se retorçam. As características fisionômicas também são marcantes: nariz saliente e bem delineado com barba nas bochechas e queixo, com notável ausência de bigode (Schroer; Lippke, 2014, p. 314-318).

Figura 2 – Impressão de selo em argila (*bula*). Wadi Daliyeh n. 51 © CSAPI/OBO (ilustração: Ulrike Zurkinden)



Fonte: SSSL (2026).

Tal qual no exemplo anterior, essas mudanças refletem percepções de corpo. A emulação de profundidade espacial e a utilização de linhas dinâmicas para capturar movimentos ajudam a enfatizar a individualidade tanto da pessoa observadora quanto da personagem retratada. Isso favorece a atribuição de agência das personagens retratadas e possibilita a matização de temas, como de figuras heróicas e de feras indomáveis que adotam a nova retórica imperial. Essa individualidade contrasta com a representação de seres a partir de suas funções do período anterior (Berlejung, 2022a, p. lxiv). Ao mesmo tempo, o ponto de fuga pressuposto na perspectiva e o recorte de motivos ajudam a demonstrar que há mais além do que se apresenta nas peças; o poder não é limitado à mídia visual. Embora relativamente distante, as implicações do uso de moedas na Babilônia helenística servem de exemplo. Para Stephanie Langin-Hooper (2024, p. 32-34), a iconografia das moedas criava um paradigma paradoxal de maravilhamento. Por outro lado, personagens outrora distantes, como reis e divindades, agora eram colocadas nos bolsos e conviviam com pessoas comuns em suas atividades diárias, fornecendo uma falsa impressão de proximidade. Por outro, imperadores apareciam como bustos, "mutilados" no pescoço, e as divindades submetidas aos nomes de tais monarcas nos obversos, denotando tanto artificialidade quanto inacessibilidade, culminando na oposição entre sedução e distanciamento.

4 Interpretando corpos limítrofes

Enquanto a sessão acima lidou com mudanças mais generalistas e amplas na concepção de corpo, também é possível observar exemplos mais restritos e que não possuem, necessariamente, implicações abrangentes. Como mencionei acima, esses estudos são geralmente marginalizados em prol do interesse em responder "grandes questões". Essa marginalização se dá tanto na falta de estudos em casos específicos, quanto na utilização dessas evidências de forma ilustrativa. Os dois estudos sobre seres-híbridos abaixo ajudar a mostrar casos divergentes.

4.1 Sereias em Canaã

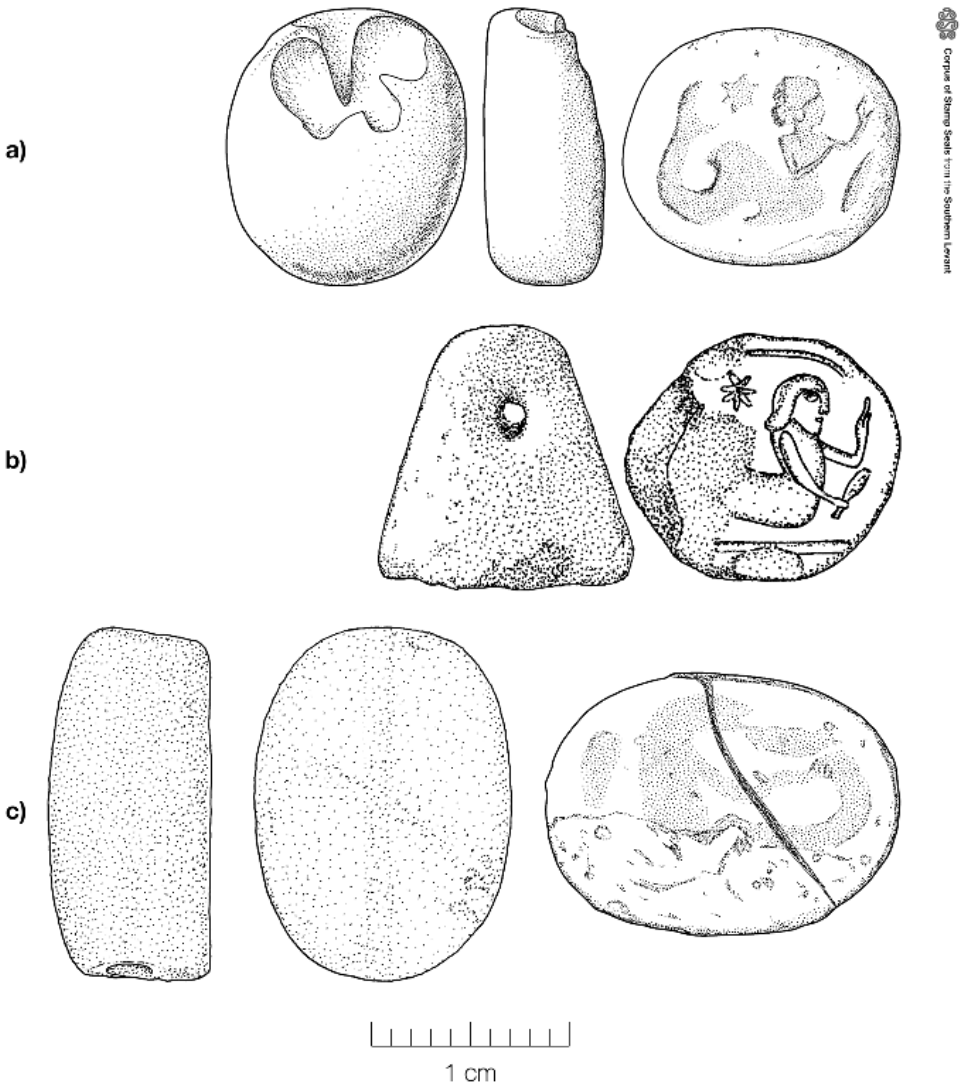
Três peças de vidro apresentam seres híbridos peixe-humanos. *CSSL Lachish 186*[12] (*Fig. 3a*) é um escarabóide de vidro de cor verde clara. Ele apresenta no centro de sua matriz dois ícones: uma figura híbrida com cauda de peixe e torso humano feminino, tendo as mãos viradas para a frente com as palmas para fora. Acima há uma estrela de seis pontas e, ao lado direito da figura híbrida, há uma ranhura que pode ser um detalhe apagado ou a quebra devido a um suporte de anel (Uehlinger *et al.*, 2025, p. 176-177 [Noa Ranzer]). *CSSL Tall as-Sa'idiya n. 38* (*Fig. 3b*), um conóide tipo V de vidro esbranquiçado, apresenta na matriz dois ícones: uma figura híbrida com cauda de peixe e torso humano feminino, tendo a mão esquerda virada para a frente e a direita carregando um objeto irreconhecível. Acima há uma estrela. A peça está danificada do lado esquerdo, impedindo a visualização da cauda completa (Eggler; Keel, 2006, p. 384-385). Por fim, *CSSL Tel Michal 12* (*Fig. 3c*) é escarabóide de vidro azul com uma figura híbrida com cauda de peixe e torso humano. A cabeça está virada para a cauda e os braços levantados (Barak; Amorai-Stark, 1989, p. 334-335 [No. 3, Fig. 28.1:3, Pl. 73:3]).

Esses seres podem ser identificados como "sereias" ou "tritões". Eles remetem a tradições gregas, que são geralmente agrupados a outros seres ictiomórficos, como hipocampos (cavalos-peixe) e nereidas (ninfas do mar) (Schroer; Lippke, 2014, p. 347). Enquanto a similaridade com outras peças pode sugerir origem fenícia (Greet, 2024, p. 284), a origem levantina não deve ser rapidamente descartada (Nunn, 2000, p. 94-95). Contudo, diacronicamente é importante anotar que enquanto a tradição anterior aramaica utilizava um ser híbrido masculino, como o ancião-peixe, na época persa esses seres são geralmente retratados na forma feminina.

Mas o que esses seres significavam? A estrela presente em *CSSL Lachish 186* (*Fig. 3a*) e *CSSL Tall as-Sa'idiya n. 38* (*Fig. 3b*) talvez forneça uma dica. Por um lado, na arte romana posterior, figuras de sereias (mulheres-peixe) são utilizadas para marcar as estações. No templo de Bel em Palmira (séc. I EC), a circunferência imediatamente externa ao zodíaco possui peixes e sereias (Hachlili, 2013, p. 375). Por outro lado, é interessante notar que a única cena dos poemas homéricos de Israel/Palestina foi encontrada na casa de Leontis, um judeu (Hachlili, 2013, p. 467). Ela apresenta a cena de Odisseu amarrado ao mastro do navio acima de uma nereida. Em frente a Odisseu, há uma sereia (mulher com pés de ave) tocando flauta. Entre a sereia e Odisseu há a inscrição grega: "Κ(ύρι)ε β(ο)ήθ(ει) Λεοντι/ου κλουβ(ᾶ)," que pode ser traduzido como "Senhor, ajude Leontis Kloubas", que fez a cena ser interpretada como uma alegoria da salvação no final dos dias (Habas, 2021, p. 177-179).

[12] Todas as referências a itens do *Corpus of Stamp Seals from the Southern Levant*, que inclui o *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel* (CSAPI) e o *Corpus der Siegel-Amulette aus Jordanien* (CSAJ), são indicadas, respectivamente, por "CSSL" + nome do local e número de catálogo. Para esses selos, consulte SSSL (2026). Para itens ainda não publicados, forneço a referência CSSL além da referência à publicação original.

Figura 3 – (a) Lachish 186 © The British Museum/SSSL (ilustração: Ingrid Berney); (b) Tel Michal 12 © Israel Antiquities Authority/SSSL (ilustrações: Ingrid Berney e Ulrike Zurkinden); (c) Tall as-Saʿidiya 38 © CSAJ/OBO (ilustração: Ulrike Zurkinden)



Fonte: SSSL (2026).

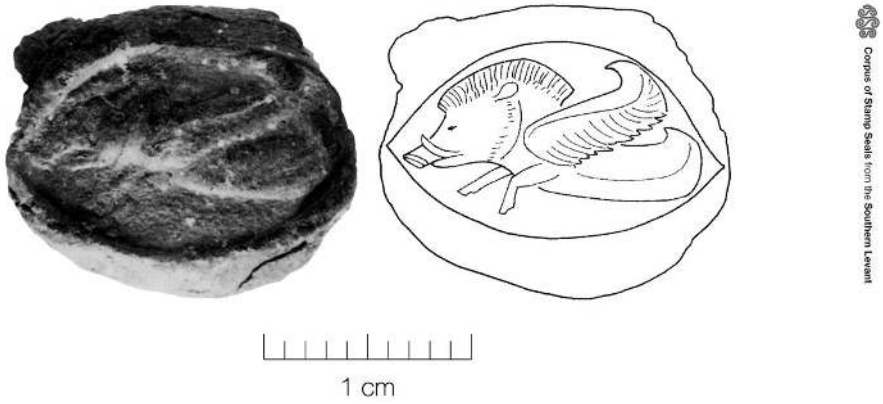
Mesmo que a figuração da sereia seja diferente nas duas peças, ambas estão associadas a um mesmo campo imagético, remetendo a um significado liminar. Enquanto as sereias de Palmira marcam a divisão entre o céu conhecido (zodíaco) e o céu externo, as sereias e nereidas da casa de Leontis marcam confins do mundo. Essa ideia também está contida em algumas traduções da LXX, que mostram sereias (gr. *seirēn*) enquanto seres liminares e perigosos, como chacais (heb. "*tannîm*") (Jó 30, 29; Mq 1, 8; Is 34, 12; 43, 20) e filhas de avestruzes (heb. *bənōwṯ yaʿănâ*) (Is 13, 21; Jr 27, 39 [TM 50, 39]) (para a sobreposição com *tannîm*: Johnson; Jenson, 2025, p. 335). É importante salientar que em algumas dessas referências, como Is 13, 22 e Jr 27, 39 [TM 50, 39], não há certeza sobre a identificação dos animais e podem revelar um mundo "anti-humano" (Janowski, 1999). O fato de os três selos terem sido encontrados em contextos funerários coopera com a hipótese. Assim, embora as peças não partilhem da linguagem imperial persa, elas apresentam, por um lado, uma nova categoria de seres femininos perigosos

que talvez tenha influenciado traduções bíblicas antigas e, por outro, marcam encontros com forças caóticas, temática comum e disseminada na ideologia persa (ver *Fig. 2*).

4.2 Um javali voador em Samaria

Outra peça do período Persa tem sido negligenciada. *CSSL Wadi Daliyeh 38* (*Fig. 4*) é uma impressão de selo em argila que, pelas marcas nas bordas, parece ter sido estampada a partir de um anel. A impressão apresenta um javali alado com patas dianteiras deslocadas do chão e crina alta; o focinho é longo e o chifre corta o segmento da boca (Leith, 1997, p. 167-172, Pl. 12,WD 45 [44.032]; Keel, 2010, p. 360-361 [Wadi ed-Dalije No. 38]).[13]

Figura 4 – Impressão de selo em argila (*bula*). Wadi Daliyeh n. 38 © CSAPI/OBO (ilustração: Ulrike urkinden)



Fonte: SSSL (2026).

Apesar de parecer contraditório pelas regras dietéticas (Lv 11, 7; Dt 14, 8; Is 65, 4; 66, 17), a presença de javalis e porcos não era incomum na iconografia e onomástica da região. Como demonstrado por Keel (2024), há uma impressão de selo que, abaixo da imagem de um javali, inscreve o nome *yēšûaʿ*, comum no período pós-exílico (Ed 2,3.36.40; 3,8; 8,33; Ne 7,11.39.43; 8,7; 9, 4; 10, 10 etc). De igual modo, o livro de Neemias apresenta um sacerdote chamado Hezir, nome que significa "javali", que também nomeia um dos grandes complexos funerários do período helenístico-romano do Vale do Cedrom. Na iconografia a presença de javalis também não consistia tabu. O animal surge em amuletos, vasos e selos, além de ser inscrito em incensários e altares (Eggler, 2022, p. 442). O javali estava, por um lado, ligado a práticas apotropaicas — como no incensário de Samaria (Reisner; Fisher; Lyon, 1924, f. 80c) —, supostamente pelo seu físico ameaçador e pelo seu impacto devastador em plantações e, por outro, parecia estar associado ao imaginário de reprodução e fertilidade (Eggler, 2008).

Javalis alados, por sua vez, são mais comuns na tradição grega. Ainda assim, eles representam um desafio interpretativo. Para John Boardman, enquanto outros seres

13 Tal qual o restante dos objetos de Wadi Daliyeh, o artefato foi provavelmente depositado na caverna Mughâret Abū Shinjeh no contexto dos eventos de Samaria antes e depois da campanha de Alexandre, o Grande, no Egito em 332/32 aEC. Durante a estadia de Alexandre no Egito, os habitantes de Samaria se revoltaram contra Andrômaco, apontado como governador da Síria, e o queimaram vivo. Isso fez Alexandre retornar a Samaria e punir rebeldes. Possivelmente, o grupo foi massacrado na caverna pelo exército de Alexandre (Dušek, 2020, p. 1; para o histórico do sítio: Mendonça, 2024, p. 64–76). As *bullae* devem ser datadas ao século IV aEC por critérios iconográficos, epigráficos e pela menção ao filho de Sambalate em uma das impressões (Frevel, 2023, p. 464).

alados são de fácil interpretação, javalis alados podem remeter a uma perspectiva local, como de Clazômenas, cuja tradição diz que um javali alado teria devastado o campo, tendo ficado marcado nas moedas da região. Caso a interpretação esteja correta, esses animais poderiam representar seres míticos de tendência demônica que aterrorizavam o imaginário jônico (Boardman, 1968, p. 146-147). Contudo, a representação do selo é mais recente, do período Persa. Mary Leith aponta para a possibilidade de que eles reflitam um imaginário imperial, já que Ciro, o Grande, teria sido descrito como "mais corajoso que um javali" e o animal tenha sido posteriormente associado ao deus Mitra e utilizado como símbolo real em selos sassânidas (Leith, 1997, p. 169).

Para o contexto de Samaria, ao qual o selo provavelmente pertence, provavelmente a ideia de Boardman deva prevalecer. É interessante notar a ressonância do imaginário do javali alado com a sessão histórica de Sl 80, 8-13 (TM 80, 9-14). No salmo, após *yhwh* surgir como um jardineiro que prepara sua terra como uma vinha (Sl 80, 9 [10]; veja Os 10, 10) — uma imagem ligada à tradição do êxodo (v. 1 [2], 8 [9]) —, ele decide derrubar as paredes e deixá-la indefesa (v. 11 [12]). Nisso, um javali da floresta (heb. *ḥăzîr miyyāʿar*) a devasta (v. 13 [14]). Caso a ressonância seja plausível, as asas serviriam para reforçar o aspecto numinoso e demônico da fera selvagem. Desde muito cedo no Levante Meridional, seres híbridos são representados de forma alada, como esfinges, grifos, querubim e serpentes diversas. O período Persa vê uma nova fortuna de seres alados surgir em adição a esses (Keel, 2022). É possível que tradições como a de Clazômenas tenham contribuído à introdução de novas narrativas.

4.3 Hermenêutica dos corpos limítrofes

O que esses dois exemplos têm a dizer sobre concepções do corpo? Em primeiro lugar, é importante sublinhar que os dois casos são distintos. Enquanto a sereia é um ser híbrido antropoteriomórfico (*i.e.*, com forma híbrida de humano e animal), o javali alado é um ser híbrido, mas completamente zoomórfico (*i.e.*, com forma de animal). Parece que o âmbito de suas ações também era distinto. Enquanto a sereia ocupa um espaço liminar nos confins do mundo e vida, interagindo com seres divinos e heróis, o javali alado ocupa um espaço liminar nos limites do mundo social, mas em interação com humanos. Segundo a taxonomia de Karen Sonik, os diferentes âmbitos de ação transformariam a sereia em um "monstro" e o javali em "demônio"[14].

Tocando mais especificamente na questão do corpo, os selos de sereias parecem indicar a emergência de um imaginário do corpo feminino como um corpo perigoso e digno de suspeita. Somando-se a um imaginário já sedimentado dos perigos do mar e dos limites do mundo, histórias ocidentais de perigos podem ter passado a rondar a região, marcando o imaginário do final dos dias e alterando fundamentalmente a percepção do pós-vida. A relação com o monstruoso é, afinal, uma relação de atração e repulsa, que revela um desejo latente (Cohen, 1996, p. 16-17). A introdução desses seres construiu dialogicamente a imagem de seres liminares femininos, reverberando e se mesclando a outros seres, como a serpente primordial *tannîn(m?)*.

O javali voador de Wadi Dalyieh, por sua vez, parece refletir mais especificamente a presença demônica de feras destruidoras e estrangeiras. Longe de aparecer enquanto personagem interditada por restrições rituais alimentares, a fera surge como um ser

[14] Karen Sonik sugeriu uma taxonomia desses seres intersticiais (*Zwischenwesen*) que pode ser útil. Para ela, a distinção entre monstros, *daimons* e demônios são suas esferas de ação: (a) monstros seriam seres intersticiais que agem no âmbito cósmico/divino; (b) *daimons* seriam seres intersticiais que interagem com humanos, sendo distinguidos pela qualidade de sua ação, se benevolentes *genii* e se malevolentes *demônios* (Sonik, 2013).

presente na vida e cultura de Yehud e Samaria, aparecendo em nomes de pessoas de alta estirpe, como sacerdotes, e na iconografia de sítios samaritanos e judeanos. Historicamente, a ressonância inusitada entre as tradições bíblicas e iconográficas talvez reflitam um mesmo contexto cultural no qual seres sobrenaturais negativos a serviço de divindades trazem destruição. De qualquer forma, o javali alado emerge como potência simbólica tão infrequente quanto esquiva, que possivelmente funcionava como "conto preventivo" sobre os caprichos de divindades e os perigos da alteridade. O corpo é suficientemente familiar para ser reconhecido, mas suficientemente distinto para instaurar terror e potencializar os perigos. A imagem lembra que o corpo estrangeiro é um corpo perigoso, hostil e que deve ser visto sob suspeita, senão eliminado (Mc 5, 11-14; Mt 8, 30-33; Lc 8, 32-34). Ele é habitante e materialização da diferença (Cohen, 1996, p. 7-12).

5 Considerações finais

Este artigo discutiu ideias de corpo do chamado "período intertestamentário", mais especificamente da transição nos períodos de dominação persa e helênica (520-30 aEC) no Levante Meridional, que se sobrepõe geograficamente aos estados modernos de Israel, Jordânia e Palestina. Ele demonstrou que o foco exclusivo na procura por evidências que (in)validem macroteologias bíblicas obscurece a riqueza do intercâmbio cultural que caracterizou a região no período e, consequentemente, pode enfraquecer as percepções do corpo que surgem no período. Para tanto, uma abordagem distinta foi tomada, que consistiu no redirecionamento de questões tidas como urgentes — como a formação do monoteísmo, a origem do judaísmo e samarianismo e de suas respectivas tradições literárias e rituais — para questões historicamente marginalizadas, como "corpos estranhos" em sentido metafísico (sereias e javalis alados) e contextual (influências estrangeiras). A partir da premissa que seres ontologicamente liminares materializam e condensam concepções culturais e revelam subjetividades, foram analisadas evidências iconográficas do período em questão. Enquanto as diferenças estilísticas entre a arte do período do Ferro e períodos Persa e Helenístico já são capazes de mostrar novas concepções do corpo, através da transformação de um paradigma aspectivo e estereométrico para um paradigma perspectivista e dinâmico, o exame dos casos específicos de monstros (sereias) e demônios (javalis alados) atesta a reelaboração de valores através de intercâmbios culturais nos limites de Yehud dentre a satrapia transeufratênia. Enquanto o estudo de sereias parece indicar a emergência da ideia do corpo feminino como um corpo perigoso e digno de suspeita, equivalendo-o a bestas primordiais nos confins da experiência humana, o estudo do javali voador parece apontar para ideias sobre corpos estrangeiros como corpos suspeitos e perigosos, que materializam perigo e diferença. Conquanto estranhos, essas concepções de corpo não representavam anomalias ou estrangeirismos, mas passaram a integrar o vocabulário cultural da região. Esses apontamentos revelam uma época de vitalidade, hibridismo e renegociação de fronteiras culturais, na qual corpos estranhos compõem uma religiosidade fluida, dinâmica e irredutível a polarizações.

Referências

ASSMANN, Jan. Konstellative Anthropologie: zum Bild des Menschen im alten Ägypten. *In*: JANOWSKI, Bernd (org.). *Der ganze Mensch:* zur Anthropologie der Antike und ihrer europäischen Nachgeschichte. Berlin: Akademie Verlag, 2012. p. 35-56.

BAHRANI, Zainab. *The infinite image:* art, time and the aesthetic dimension in antiquity. London: Reaktion Books, 2014.

BARAK, Mira; AMORAI-STARK, Shua. Seals and Seal Impressions. *In*: HERZOG, Ze'ev; RAPP, Jr., George; NEGBI, Ora (org.). *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1989. p. 333-338.

BARNEA, Gad; KRATZ, Reinhard Gregor; SHAKED, Shaul (org.). *Yahwism under the Achaemenid Empire:* Professor Shaul Shaked in Memoriam. Berlin: de Gruyter, 2024.

BARSTAD, Hans M. After the "Myth of the Empty Land": Major Challenges in the Study of Neo-Babylonian Judah. *In*: LIPSCHITS, Oded; BLENKINSOPP, Joseph (org.). *Judah and the Judeans in the neo-Babylonian period*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003. p. 3-20.

BARSTAD, Hans M. *The Myth of the Empty Land. A Study in the History and Archaeology of Judah During the "Exilic" Period*. Oslo: Scandinavian University Press, 1996.

BAUTCH, Richard J.; LACKOWSKI, Mark (org.). *On dating biblical texts to the Persian period:* discerning criteria and establishing epochs. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

BERLEJUNG, Angelika. Iconography. *In*: BERLEJUNG, Angelika *et al.* (org.). *Encyclopedia of material culture in the biblical world:* a new Biblisches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022a. p. LXIII-LXXIII.

BERLEJUNG, Angelika. Idol/s: Male – Female – Zoomorphic. *In*: BERLEJUNG, Angelika *et al.* (org.). *Encyclopedia of material culture in the biblical world:* a new Biblisches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022b. p. 489-530.

BOARDMAN, John. *Archaic Greek Gems:* Schools and Artists in the Sixth and Early Fifth Centuries BC. Evanston: Northwestern University Press, 1968.

BRUNNER-TRAUT, Emma. Epilogue: Aspective. *In*: SCHÄFER, Heinrich (ed.). *Principles of Egyptian Art*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 421-448.

COHEN, Jeffrey Jerome. Monster Culture (Seven Theses). *In*: COHEN, Jeffrey Jerome (org.). *Monster theory:* reading culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 3-25.

DE HULSTER, Izaak J. *Figurines in Achaemenid Period Yehud:* Jerusalem's history of religion and coroplastics in the monotheism debate. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017.

DE HULSTER, Izaak J.; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. Introduction: Iconographic Exegesis, method and practice. *In*: DE HULSTER, Izaak J.; STRAWN, Brent A.; BONFIGLIO, Ryan P. (org.). *Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament:* An Introduction to Its Method and Practice. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. p. 19-42.

DIETRICH, Jan. Monotheismus Sieben Gründe für die Entstehung einer monistischen Denkform im Alten Testament. *Zeitschrift für altorientalische und biblische Rechtsgeschichte*, [*s. l.*], v. 29, p. 83-103, 2023.

DUŠEK, Jan. The Importance of the Wadi Daliyeh Manuscripts for the History of Samaria and the Samaritans. *Religions*, Basel, v. 11, n. 63, p. 1-12, 2020.

EDELMAN, Diana Vikander; FITZPATRICK-MCKINLEY, Anne; GUILLAUME, Philippe (org.). *Religion in the Achaemenid Persian Empire:* Emerging Judaisms and Trends. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016.

EGGLER, Jürg. Iconography of Animals (Mammals). *In*: BERLEJUNG, Angelika *et al.* (org.). *Encyclopedia of material culture in the biblical world:* a new Biblisches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022. p. 431-442.

EGGLER, Jürg. Swine. *In*: UEHLINGER, Christoph; EGGLER, Jürg (org.). *Iconography of Deities and Demons in the Ancient Near East:* An Iconographic Dictionary with Special Emphasis on First-Millennium BCE Palestine/Israel. Zurich: University of Zürich, 2008. p. Electronic pre-publication. Disponível em: https://www.religionswissenschaft.uzh.ch/idd/prepublications/e_idd_swine.pdf.

EGGLER, Jürg; KEEL, Othmar. *Corpus der Siegel-Amulette aus Jordanien: Vom Neolithikum bis zur Perserzeit*. Fribourg: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

EGGLER, Jürg; UEHLINGER, Christoph. Seal/s and Sealing/s. *In*: BERLEJUNG, Angelika *et al.* (org.). *Encyclopedia of material culture in the biblical world:* a new Biblisches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022. p. 832-861.

ERLICH, Adi. *The art of Hellenistic Palestine*. Oxford: Aeropress, 2009.

FREVEL, Christian. Antropologia. *In*: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (org.). *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2011. p. 15-21.

FREVEL, Christian. Beyond monotheism? Some remarks and questions on conceptualising "monotheism" in Biblical Studies. *Verbum et Ecclesia*, [*s. l.*], v. 34, n. 2, p. 1-7, 2013.

FREVEL, Christian. *History of ancient Israel*. Atlanta: SBL Press, 2023.

FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina. A "Religious Revolution" in Yehûd? The Material Culture of the Persian Period as a Test Case: Introduction. *In*: FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehûd?* Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014a. p. 1-22.

FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina. Perserzeitliche Räucherkästchen: Zu einer wenig beachteten Fundgattung im Kontext der These Ephraim Sterns. *In*: FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehûd?* Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014b. p. 111-220.

FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehûd?:* The Material Culture of the Persian Period as a Test Case. Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.

FRIED, Lisbeth S. The Land Lay Desolate: Conquest and Restoration in the Ancient Near East. *In*: LIPSCHITS, Oded; BLENKINSOPP, Joseph (org.). *Judah and the Judeans in the neo-Babylonian period*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003. p. 21-54.

GRABBE, Lester L. *A history of the Jews and Judaism in the Second Temple Period*. London: T & T Clark International, 2004. v. 1.

GRANERØD, Gard. *Dimensions of Yahwism in the Persian period: studies in the religion and society of the Judaean community at Elephantine*. Berlin: De Gruyter, 2016.

GREET, Ben. Powerful "Localisms": Interconnecting Imperial, Regional, and Local Expressions in Persian-Period Glyptic East of the Jordan River. *In*: HENSEL, Benedikt (org.). *Transjordan and the Southern Levant:* new approaches regarding the iron age and the Persian period from Hebrew bible studies and archaeology. Tübingen: Mohr Siebeck, 2024. p. 263-309.

HABAS, Lihi. The Mosaic Floors of the House of Kyrios Leontis in Nysa Scythopolis (Beth Shean). *Journal of Mosaic Research*, [*s. l.*], n. 14, p. 169-197, 2021.

HACHLILI, Rachel. *Ancient Synagogues – Archaeology and art:* New Discoveries and Current Research. Leiden: Brill, 2013.

HALLOTE, Rachel. The Southern Levant and the ancient Near Eastern canon. *In*: GANSELL, Amy Rebecca; SHAFER, Ann (org.). *Testing the Canon of Ancient Near Eastern Art and Archaeology*. New York: Oxford University Press, 2020. p. 45-65.

HARTENSTEIN, Friedhelm. Altorientalische Ikonographie und Exegese des Alten Testaments. *In*: KREUZER, Siegfried; VIEWEGER, Dieter (org.). *Proseminar I Altes Testament:* Ein Arbeitsbuch. 2. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 2005. p. 173-186.

HENSEL, Benedikt. Yahwistic Diversity and the Hebrew Bible: State of the Field, Desiderata, and Research Perspectives in a Necessary Debate on the Formative Period of Judaism(s). *In*: HENSEL, Benedikt; NOCQUET, Dany; ADAMCZEWSKI, Bartosz (org.). *Yahwistic diversity and the Hebrew Bible:*

tracing perspectives of group identity from Judah, Samaria, and the Diaspora in biblical traditions. Tübingen: Mohr Siebeck, 2020. p. 1-44.

HENSEL, Benedikt; NOCQUET, Dany; ADAMCZEWSKI, Bartosz (org.). *Yahwistic diversity and the Hebrew Bible:* tracing perspectives of group identity from Judah, Samaria, and the Diaspora in biblical traditions. Tübingen: Mohr Siebeck, 2020.

HENZE, Matthias. *Mind the Gap:* How the Jewish Writings Between the Old and New Testament Help Us Understand Jesus. Minneapolis: Fortress Press, 2017.

JANOWSKI, Bernd. Jackals. *In*: VAN DER TOORN, Karel; BECKING, Bob; VAN DER HORST, Pieter Willem (org.). *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. 2nd ed. Leiden: Brill; Eerdmans, 1999. p. 459.

JOHNSON, Martin; JENSON, Philip. The Curious History of the Translation of the Hebrew Word תַּנִּים *tannîm*: Dragons, Jackals, or Crocodiles? *The Bible Translator*, [*s. l.*], v. 76, n. 3, p. 332-362, 2025.

KEEL, Othmar. Bildträger aus Palästina/Israel und die besondere Bedeutung der Miniaturkunst. *In*: KEEL, Othmar; SCHROER, Silvia. *Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel, Band I*. Fribourg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985. p. 7-47.

KEEL, Othmar. *Corpus der Stempelsiegel-Amulette aus Palästina/Israel von den Anfängen bis zur Perserzeit. Katalog Band II:* Von Bahan bis Tel Eton. Fribourg, CH: Fribourg Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.

KEEL, Othmar. Hybrid Creature/s. *In*: BERLEJUNG, Angelika *et al.* (org.). *Encyclopedia of material culture in the biblical world: a new Biblisches Reallexikon*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022. p. 417-431.

KEEL, Othmar. Ptah auf Siegelamuletten aus Palästina/Israel: einige Gesetzmässigkeiten bei der Übernahme von Motiven der Großkunst auf Miniaturbildträger. *In*: KEEL, Othmar; KEEL-LEU, Hildi; SCHROER, Silvia. *Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel, Band II*. Fribourg, CH: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 281-332.

KEEL, Othmar. *Wadi Daliyeh No. 43*. [*S. l.*], 2024. Base de dados. Disponível em: https://cssl.levantineseals.org/#/?id=B8084BA5-769A-4111-969E-FA3619A81D01. Acesso em: 16 maio 2026.

KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Gods, Goddesses and Images of God in Ancient Israel*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1998.

KLEIN CARDOSO, Silas. Criaturas míticas e imagens de si no antigo Israel e Judá. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, [*s. l.*], v. 28, n. 2, p. 11-29, 2025a.

KLEIN CARDOSO, Silas. *O código devorado:* os usos da iconografia antigo-oriental na exegese bíblica. São Paulo: Recriar, 2025b.

KLEIN CARDOSO, Silas. *Redes mágico-míticas no alvorecer de Israel:* "religião" no platô de Benjamim no Ferro I-IIA. 2019. 450 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

KLINGBEIL, Martin G. *Syro-Palestinian Stamp Seals from the Persian Period (538-332 B.C.):* an analysis of their iconographic motifs and inscriptions. 1992a. 306 f. Dissertation (Ph.D.) – University of Stellenbosch, Stellenbosch, 1992.

KLINGBEIL, Martin G. Syro-Palestinian Stamp Seals from the Persian Period: The Iconographic Evidence. *Journal of Northwest Semitic Languages*, [*s. l.*], v. 18, p. 95-124, 1992b.

KNAUF, Ernst Axel. *Die Umwelt des Alten Testaments*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1994.

KNAUF, Ernst Axel; GUILLAUME, Philippe. *A History of Biblical Israel:* The Fate of the Tribes and Kingdoms from Merenptah to Bar Kochba. Sheffield, UK: Equinox, 2016.

KÜCHLER, Max. *Geschichte der jüdischen Numismatik:* Historisches Vergessen - Jüdische Bewahrung - Europäische Entdeckung. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2022.

LANGIN-HOOPER, Stephanie M. Making Wonder in Miniature: A New Approach to Theorizing the Affective Properties and Social Consequences of Small-Scale Artworks from Hellenistic Babylonia. *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, v. 34, n. 1, p. 27-42, 2024.

LEITH, Mary Joan Winn. Religious Continuity in Israel/Samaria: Numismatic Evidence. *In*: FREVEL, Christian; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehûd?:* The Material Culture of the Persian Period as a Test Case. Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014. p. 267-304.

LEITH, Mary Joan Winn. Seals and Coins in Persian Period Samaria. *In*: SCHIFFMAN, Lawrence H.; TOV, Emanuel; VANDERKAM, James C. (org.). *The Dead Sea Scrolls:* Fifty Years after the their Discovery, Proceedings of the Jerusalem Congress, July 20-25, 1997. Jerusalem: Israel Exploration Society; The Shrine of the Book, Israel Museum, 2000. p. 691-707.

LEITH, Mary Joan Winn. *Wadi Daliyeh I:* The Wadi Daliyeh Seal Impressions. Oxford: Clarendon Press, 1997.

MATTHEWS, Donald M. *Principles of composition in Near Eastern Glyphic of the later second Millennium B.C.* Freiburg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

MATTHEWS, Donald M. The Random Pegasus: Loss of Meaning in Middle Assyrian Seals. *Cambridge Archaeological Journal*, [*s. l.*], v. 2, n. 2, p. 191-210, 1992.

MCCOWN, Chester Charlton. *Tell en-Naṣbeh:* Excavated under the Direction of the late William Frederic Badé. Berkeley; New Haven: Palestine Institute of Pacific School of Religion, 1947. v. 1.

MENDONÇA, Elcio Valmiro Sales De. Os papiros aramaicos do sítio arqueológico de Wadi Daliyeh: registros de compra e venda de escravizados na Samaria do período persa. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 63-73, 2024.

MESHORER, Yaʿaḳov. *A treasury of Jewish coins:* from the Persian period to Bar Kokhba/Yaakov Mehorer. Nyack: Amphora, 2001.

MESHORER, Yaʿaḳov; QEDAR, Shraga. *Samarian coinage*. Jerusalem: The Israel Numismatic Society, 1999.

MOXEY, Keith. Panofsky's Concept of "Iconology" and the Problem of Interpretation in the History of Art. *New Literary History*, [*s. l.*], v. 17, n. 2, p. 265-274, 1986.

NOGUEIRA, Paulo Augusto De Souza. Taxonomia dos monstros no Cristianismo Primitivo. *Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, [*s. l.*], v. 22, n. 2, p. 542-557, 2024.

NUNN, Astrid. *Der figürliche Motivschatz Phöniziens, Syriens und Transjordaniens vom 6. bis zum 4. Jahrhundert v. Chr.* Freiburg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.

OEMING, Manfred. Die Bedeutung der Numismatik für das Studium des Alten Testaments. *In*: ARNET, Samuel; SCHMID, Konrad; TIEMEYER, Lena-Sofia (org.). *Congress volume Zurich 2022*. Leiden: Brill, 2026. p. 297-350.

OTTO, Adelheid. *What Would We Know about Western Asian Imagery without Seals?* On the Fundamental Role of Seals as Transmitters and Actors. [*S. l.*]: [*s. n.*], 2022. Disponível em: https://youtu.be/EOvkqcI8RQE. Acesso em: 11 maio 2023.

PERREAULT, Charles. *The Quality of the Archaeological Record*. Chicago: The University of Chicago Press, 2019.

REISNER, George Andrew; FISHER, Clarence S.; LYON, David Gordon. *Harvard Excavations at Samaria:* 1908-1910. Cambridge: Harvard University Press, 1924.

RÖMER, Thomas. Yhwh, the Goddess and Evil: Is "monotheism" an adequate concept to describe the Hebrew Bible's discourses about the God of Israel? *Verbum et Ecclesia*, [*s. l.*], v. 34, n. 2, p. 5 pages, 2013.

SASS, Benjamin. The Pre-exilic Hebrew Seals: Iconism vs. Aniconism. *In*: SASS, Benjamin; UEHLINGER, Christoph (org.). *Studies in the iconography of northwest semitic inscribed seals:* Proceedings of a symposium held in Fribourg on april 17-20, 1991. Fribourg, CH: University Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 194-256.

SCHÄFER, Heinrich. *Principles of Egyptian Art*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SCHAPER, Joachim. *Media and Monotheism*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

SCHMID, Konrad. *História da literatura do Antigo Testamento:* uma introdução. São Paulo: Loyola, 2013.

SCHMITT, Rüdiger. Diversity and Centralization of the Temple Cult in the Archeological Record from the Iron IIC to the Persian and Hellenistic Periods in Judah. *In*: NIHAN, Christophe; RHYDER, Julia (org.). *Text and ritual in the Pentateuch:* a systematic and comparative approach. University Park, PA: Eisenbrauns, 2021. p. 151-171.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient:* Eine Religionsgeschichte in Bildern II, Die Mittelbronzezeit. Fribourg: Academic Press, 2008.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient:* Eine Religionsgeschichte in Bildern III, Die Spätbronzezeit. Fribourg: Academic Press, 2011.

SCHROER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.* Eine Religionsgeschichte in Bildern IV, Die Eisenzeit bis zum Beginn der achämenidischen Herrschaft. Basel: Schwabe, 2018.

SCHROER, Silvia. Drei Stempelsiegelamulette aus Ḫirbet Qēyafa. *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins*, [*s. l.*], v. 132, p. 134-145, 2016a.

SCHROER, Silvia. Genderforschung, altorientalische Kunst und biblische Texte. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, [*s. l.*], v. 5, p. 132-150, 2016b.

SCHROER, Silvia. The Meaning of the Boat Scene on the Phoenician-Cypriote Scapula from Tel Dor. *In*: GANOR, Saar *et al.* (org.). *From Sha'ar Hagolan to Shaaraim:* Essays in Honor of Prof. Yosef Garfinkel. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2016c. p. 435-447.

SCHROER, Silvia; KEEL, Othmar. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient:* Eine Religionsgeschichte in Bildern I, Vom ausgehenden Mesolithikum bis zur Frühbronzezeit. Fribourg, CH: Academic Press, 2005.

SCHROER, Silvia; LIPPKE, Florian. Beobachtungen zu den (spät-)persischen Samaria-Bullen aus dem Wadi ed-Daliyeh: Hellenisches, Persisches und Lokaltraditionen im Grenzgebiet der Provinz Yehûd. *In*: FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehud?* The Material Culture of the Persian Period as a Test Case. Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.

SCHROER, Silvia; MÜNGER, Stefan (org.). *Khirbet Qeiyafa in the Shephelah:* Papers Presented at a Colloquium of the Swiss Society for Ancient Near Eastern Studies Held at the University of Bern, September 6, 2014. Fribourg, CH: Academic Press, 2017.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCHROER, Silvia; WYSSMANN, Patrick. A Late Phoenician Scaraboid. *In*: GARFINKEL, Yosef *et al.* (ed.). *Khirbet Qeiyafa 4:* excavation report 2007-2013, art, cult, and epigraphy. Jerusalem: Institute of Archaeology Southern Adventist, 2018. p. 333-341.

SCHROER, Silvia; WYSSMANN, Patrick (org.). *Images in transition:* the Southern Levant and its imagery between Near Eastern and Greek traditions. Leuven: Peeters, 2024.

SCHROER, Silvia; WYSSMANN, Patrick. The Imagery of Palestine/Israel between East and West: A History of Religion Based on Pictures from the Persian to the Hellenistic Period. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, [*s. l.*], v. 8, n. 2, p. 184-202, 2019.

SMITH, Mark S. *God in translation:* deities in cross-cultural discourse in the biblical world. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.

SNEED, Mark R. *Taming the Beast:* A Reception History of Behemoth and Leviathan. Berlin: De Gruyter, 2021.

SNSF. *Die Bildwelt Palästinas/Israels zwischen Ost und West:* Ikonographische Grundlagen einer Religionsgeschichte von der persischen bis zur hellenistischen Zeit. *Data Portal,* [*S. l.*], 2014. Disponível em: https://data.snf.ch/grants/grant/159757. Acesso em: 13 jan. 2026.

SONIK, Karen. Mesopotamian Conceptions of the Supernatural: A Taxonomy of Zwischenwesen. *Archiv für Religionsgeschichte*, [*s. l.*], v. 14, n. 1, p. 103-116, 2013.

SSSL. Corpus of Stamp Seals from the Southern Levant. *CSSL Database,* Zurich, 2026. Disponível em: https://cssl.levantineseals.org/. Acesso em: 16 maio 2026.

STERN, Ephraim. *Archaeology of the Land of the Bible:* The Assyrian, Babylonian, and Persian Periods 732-332 BCE. New Haven; London: Yale University Press, 2001. v. 2

STERN, Ephraim. Notes on the Development of Stamp-Glyptic Art in Palestine during the Assyrian and Persian Periods. *In*: HOPFE, Lewis M.; RICHARDSON, Henry Neil (org.). *Uncovering ancient stones:* essays in memory of H. Neil Richardson. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994. p. 135-146.

STERN, Ephraim. The Religious Revolution in Persian-Period Judah. *In*: LIPSCHITS, Oded; OEMING, Manfred (org.). *Judah and the Judeans in the Persian period*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006. p. 199-205.

TAL, Oren. Greek Coinages of Palestine. *In*: THE OXFORD Handbook of Greek and Roman coinage. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 252-274.

TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. *A história religiosa de Israel:* desde a pré-história até os primórdios do cristianismo. São Paulo: Loyola, 2020.

UEHLINGER, Christoph. Beyond "Image Ban" and "Aniconism": Reconfiguring Ancient Israelite and Early Jewish Religion\s in a Visual and Material Religion Perspective. *In*: MEYER, Birgit; STORDALEN, Terje (org.). *Figuration and Sensation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam:* Contested Desires. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 99-123.

UEHLINGER, Christoph *et al.* (org.). *Corpus of Stamp Seals from the Southern Levant Volume VI:* Lachish, Lod, Lohamei HaGeta'ot. Leuven: Peeters, 2025. v. 1.

UEHLINGER, Christoph. "Powerful Persianisms" in Glyptic Iconography of Persian Period Palestine. *In*: BECKING, Bob; KORPEL, Marjo C.A. (org.). *The Crisis of Israelite Religion:* Transformation of Religious Tradition in Exilic and Post-Exilic Times. Leiden: Brill, 1999. p. 134-182.

VANDERKAM, James C. *O nascimento do Judaísmo:* História, Literatura e Arqueologia do Segundo Templo. Petrópolis: Editora Vozes, 2025.

WAGNER, Andreas. Körperbegriffe/-teile, äußere. *In*: DIETRICH, Jan *et al.* (org.). *Handbuch alttestamentliche Anthropologie*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2024. p. 129-134.

WENNING, Robert. Hellenistische Skulpturen in Israel. *Boreas*, Münster, v. 6, p. 105-118, 1983.

WYSSMANN, Patrick. The coinage imagery of Samaria and Judah in the Late Persian Period. *In*: FREVEL, Christian; PYSCHNY, Katharina; CORNELIUS, Izak (org.). *A "Religious Revolution" in Yehúd?:* The Material Culture of the Persian Period as a Test Case. Fribourg, CH: Academic Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014. p. 221-266.

WYSSMANN, Patrick. *Vielfältig geprägt:* Das spätperserzeitliche Samaria und seine Münzbilder. Leuven: Peeters, 2019.

YALÇIN, Serdar. *Selves engraved on stone:* seals and identity in the ancient Near East, ca. 1415-1050 BCE. Leiden: Brill, 2022.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2026 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica